

PENSAR O QUE O TRADUTOR FAZ: A EQUIVALÊNCIA TRADUTÓRIA A PARTIR DAS NOÇÕES SAUSSURIANAS DE LÍNGUA E DE VALOR LINGUÍSTICO¹

Juliana Marschal Ramos²

Resumo: É possível estudar a tradução a partir de diferentes perspectivas: a das operações realizadas pelo tradutor (Oustinoff, 2011), a das noções de lealdade/fidelidade (Nord, 2016), a das competências tradutórias para a formação de tradutores (Hurtado Albir, 2020), por exemplo. Também é possível estudá-la a partir de uma perspectiva linguística. Neste artigo, busco, portanto, relacionar tradução e linguística, para propor, mais especificamente, uma reflexão sobre a noção de equivalência tradutória a partir do pensamento de Saussure. Para isso, discutirei a noção de equivalência, sobretudo em relação às noções saussurianas de língua e de valor linguístico, à luz das formulações de Saussure no *Curso de linguística geral* ([1916] 1995), assim como das considerações de Flores na obra *Saussure e a tradução* (2021). Escolho esse ponto de vista linguístico sobre a tradução não apenas por acreditar ser fundamental que o tradutor tenha uma reflexão sobre a língua e seu funcionamento, mas, além disso, por entender que essa reflexão deva ser considerada em sua formação profissional, já que é com a língua que o tradutor trabalha.

Palavras-chave: Saussure, língua, valor linguístico, equivalência tradutória, tradução.

RÉFLÉCHIR SUR CE QUE FAIT LE TRADUCTEUR: L'ÉQUIVALENCE EN TRADUCTION À PARTIR DES NOTIONS SAUSSURIENNES DE LANGUE ET DE VALEUR LINGUISTIQUE

Résumé: Il est possible d'étudier la traduction sous différentes perspectives : celle des opérations réalisées par le traducteur (Oustinoff, 2011), celle des notions de loyauté/fidélité (Nord, 2016), celle des compétences de traduction concernant la formation des traducteurs (Hurtado Albir, 2020), par exemple. Il est également possible de l'étudier à partir d'une perspective linguistique. Donc, dans cet article, je cherche à mettre en relation la traduction et la linguistique, afin de proposer, plus spécifiquement, une réflexion sur la notion d'équivalence en traduction à partir de la pensée de Saussure. Pour ce faire, je vais discuter la notion d'équivalence en traduction, surtout par rapport aux notions saussuriennes de langue et de valeur linguistique, à la lumière des formulations de Saussure dans le *Cours de linguistique générale* ([1916] 1995), ainsi que des considérations de Flores dans l'œuvre *Saussure e a tradução* [Saussure et la traduction] (2021). J'avais choisi ce point de vue linguistique sur la traduction non seulement pour croire qu'il est fondamental que le traducteur ait une réflexion sur la langue et son fonctionnement, mais, en plus, pour comprendre que cette réflexion soit considérée dans sa formation professionnelle, puisque le traducteur travaille avec la langue.

Mots-clés: Saussure, langue, valeur linguistique, équivalence en traduction, traduction.

¹ Agradeço a leitura atenta e os diálogos com as professoras Heloisa Monteiro Rosário, Luiza Milano e Silvana Silva durante a reflexão que resultou neste artigo. Quaisquer erros e questões que mereçam revisões, contudo, continuam de minha inteira responsabilidade.

² Licenciada em Letras Português/inglês pela Universidade Feevale (2018). Especialista em Revisão de Textos pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2022). Tradutora em formação (francês/português) e mestranda em Estudos da Linguagem no Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Introdução

A tradução pode ser pensada a partir de muitas perspectivas e por teóricos vinculados a diferentes campos do saber, a saber, tradução, literatura, linguística, entre outros.

Hurtado Albir (2020), por exemplo, que é professora de tradução e interpretação na Universidade Autônoma de Barcelona, ocupa-se de questões como a competência tradutória, que define como “um conhecimento operacional (ou procedimental): um *saber como*, difícil de verbalizar, adquirido através da prática e processado essencialmente de modo automático” (Hurtado Albir, 2020, p. 380). A competência tradutória é, portanto, “constituída de 5 subcompetências e componentes psicofisiológicos” (Hurtado Albir, 2020, p. 380): subcompetências bilíngue, extralinguística, de conhecimentos sobre tradução, instrumental, estratégica, além de componentes cognitivos, aspectos atitudinais e mecanismos psicomotores. Além da discussão sobre as competências e subcompetências, Hurtado Albir pensa na aquisição delas na formação de tradutores. Pode-se pensar, portanto, que seu objeto principal seria a formação de tradutores, pelo menos no trabalho mencionado.

Já Oustinoff, como contou em uma entrevista a Álvaro Faleiros, tem uma formação em língua inglesa (literatura, linguística e civilização), em que a tradução comparecia, mas não era estudada sob um aspecto teórico. Seu interesse sempre foi, inclusive, a literatura, mas a tradução o acompanhou em seu percurso. Sendo assim, fez uma tese “sobre o bilinguismo de escritura e a autotradução” (2019, p. 169).

Em uma de suas obras, Oustinoff (2011) pensa a tradução de uma maneira mais ampla, trazendo discussões que abarcam inclusive a noção saussuriana de signo, e fornece um panorama de várias temáticas possíveis, sendo uma delas a das operações que o tradutor mobiliza ao traduzir: a reformulação, mencionando também Jakobson, transposições e modulações. Além das operações, Oustinoff discute a questão da diversidade das línguas, a história da tradução, as teorias da tradução e a interpretação.

Além dessas discussões, dentre as tantas questões que atravessam o traduzir, é possível que a equivalência tradutória seja uma das que mais inquietam os tradutores. Ainda no campo dos estudos da tradução, há os estudos de Nord, que era docente de tradução e interpretação e versa sobre tradução a partir de uma perspectiva funcionalista (Bevilacqua, 2018). Nord (2016) menciona a equivalência ao falar sobre a noção de fidelidade e explica que normalmente se faz uma associação direta entre elas. Ainda segundo a autora, a equivalência é colocada como um conceito que é de difícil apreensão, e isso leva a muitas redefinições do conceito:

O conceito de equivalência pertence ao grupo dos conceitos mais mutantes e mais interpretados (ou interpretáveis) nos Estudos de Tradução. Ele implica exigências em todos os níveis textuais: no nível externo (pragmático) do texto, há a exigência da "mesma função" do TP [texto de partida] e do TC [texto de chegada] e da transmissão "ao mesmo receptor" (?); as características internas do texto - conteúdo e forma - são contempladas na exigência de que o TC deve "refletir", "reproduzir", "imitar" o TP, "expressar sua beleza", etc; e a alternância entre fatores internos e externos ao texto, o efeito, é contemplado quando se interpreta equivalência como "identidade de sentido", "igualdade de valor (equivalência)" e "igualdade de efeito" entre o TP e o TC. A prática mostra que essas exigências muito raramente são compatíveis (Nord, 2016, p. 11).

É possível perceber que, nessa discussão, a equivalência é pensada em relação a diferentes fatores que compõem o texto, sendo que esse parece ser a unidade da tradução. A partir da noção de texto e dos níveis textuais, a equivalência exigiria que, no nível interno, o texto traduzido reproduzisse/imitasse a forma e o conteúdo do texto original, enquanto, no nível externo, seria uma questão de manter a função do texto original no traduzido, de manter a função nos níveis interno (conteúdo e forma) e externo (pragmático). A noção de língua é pensada, portanto, como forma e conteúdo e em uma relação com aspectos pragmáticos.

No presente trabalho, proponho pensar a equivalência, mas partindo primeiramente da língua enquanto base de trabalho do tradutor, pois acredito que é dela (mas não somente) que advêm muitas das questões que o tradutor se coloca ao traduzir, sendo uma delas a seguinte: como dizer o mesmo em línguas diferentes? Contudo, acredito que há questões que devem ser feitas antes mesmo de se pensar sobre como traduzir: dizemos efetivamente o mesmo quando passamos um texto de uma língua para outra? Ou ainda: o que é dizer o mesmo? Trata-se de uma questão de traduzir línguas ou de traduzir um possível sentido que se realiza por meio das relações que se dão na língua em uso? Dessa forma, proponho um recuo para algumas noções que acredito que são primeiras em relação à tradução, tal como o que é língua.

Sobre a equivalência tradutória enquanto termo, Chanut (2012) explica que ele é usado desde 1959 por Roman Jakobson, mas a origem exata não se sabe. O fato de que este termo é colocado em uso por um linguista abre a possibilidade de se pensar a tradução não somente pelos estudos da tradução, mas também pelos estudos da linguagem.

A presente proposta é refletir sobre o traduzir a partir de uma perspectiva linguística, levando em conta que muitos linguistas realizaram suas reflexões amparando-se em exemplos de línguas diversas. Desde os estudos de Gramática Comparada, as línguas são colocadas em relação, e a base de reflexão se dá justamente por um olhar para as semelhanças e as diferenças entre elas.

Ora, não seria justamente esse o movimento que se faz ao traduzir? Ou melhor, não seria justamente esse o movimento que o tradutor faz enquanto traduz? Afinal, trata-se de um ato realizado por alguém. Seguindo, traduzir não seria um ato de colocar línguas em relação, de pensar as semelhanças e diferenças do dizer em uma língua para realizar o dizer em outra língua?

Efetivamente, há linguistas que pensam sobre a tradução. Jakobson pensou sobre a significação linguística a partir da tradução em “Aspectos linguísticos da tradução” (1974), assim como recentemente o público teve acesso a uma nota manuscrita inacabada de Émile Benveniste, “La langue, la traduction et l’intelligence” (Fenoglio, 2016), em que o linguista pensa sobre a tradução, língua e pensamento. Contudo, pelo menos a partir das minhas leituras, não se trata de uma atitude hegemônica, já que há outros linguistas que não pensaram teoricamente sobre a tradução como o principal objeto teórico. Mesmo assim, é possível pensar que suas reflexões sobre o funcionamento da linguagem/língua podem contribuir para pensar a tradução. O professor e pesquisador Valdir do Nascimento Flores percebeu este potencial de reflexão a partir do pensamento de Ferdinand de Saussure, e realizou essa discussão em uma obra publicada em 2021, que servirá como base teórica para o presente estudo.

À luz das formulações de Flores na obra *Saussure e a tradução* (2021), que se baseou no *Curso de linguística geral* ([1916] 1995), de Saussure, proponho uma reflexão sobre a equivalência tradutória a partir das noções de língua e de valor linguístico. A proposta é relacionar, portanto, linguística e tradução, considerando, assim como Flores, que a tradução é uma forma de refletir sobre as línguas e a linguagem.

O movimento que Saussure faz ao romper com a ideia de uma relação direta entre língua e realidade, como era tratada por alguns filósofos, é de extrema importância para pensar a tradução, principalmente por mostrar que a língua não é uma lista de termos condizente com objetos no mundo. Sendo assim, a língua passa a ser vista por si mesma e principalmente pela relação entre os seus elementos.

Este trabalho será dividido da seguinte forma: primeiro, apresentarei brevemente algumas informações sobre Ferdinand de Saussure e os conceitos que serão mobilizados para a reflexão aqui proposta. Em seguida, trarei uma síntese das formulações desenvolvidas por Flores. Por fim, realizarei um diálogo entre o que foi visto sobre a linguística saussuriana e alguns dos estudos da tradução, buscando propor um olhar linguístico sobre a equivalência tradutória.

2. Ferdinand de Saussure: “O homem dos fundamentos”³

Além da sua vida terrena, as suas ideias brilham mais longe do que ele teria podido imaginar, e esse destino póstumo se tornou como uma segunda vida, que se confunde para sempre com a nossa.
(Émile Benveniste em *Saussure após meio século*)

Ferdinand de Saussure (1857-1913) começa desde muito cedo a estudar línguas. De acordo com Claudine Normand (2009), em 1872, Saussure escreveu sobre um “sistema geral da língua”. Já havia um interesse pelo linguístico, mesmo que sua família fosse majoritariamente composta por estudiosos das ciências naturais. Em 1874, iniciou seus estudos de sânscrito. E esse foi apenas o começo. Por causa dos seus trabalhos sobre etimologia, foi aceito na Sociedade Linguística de Paris. Nessa época, produziu textos como o “Trabalho sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias” (1878) e “Sobre o emprego do genitivo absoluto em sânscrito” (1880).

Além disso, lecionou na École de Hautes Études, substituindo Michel Bréal, e foi nomeado secretário adjunto da Sociedade de Linguística. A partir de 1891, passou a ministrar as aulas de sânscrito e de línguas indo-europeias na Universidade de Genebra. Entre 1906 e 1911, ele assume o curso de linguística geral, que é acrescentado ao curso de gramática comparada (Normand, 2009).

No prefácio do *Curso de Linguística Geral*⁴, organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, menciona-se que Saussure se encontrava diante de inquietações sobre os estudos linguísticos de sua época.

Repetidas vezes ouvimos Ferdinand de Saussure deplorar a insuficiência dos princípios e dos métodos que caracterizavam a Linguística em cujo ambiente seu gênio se desenvolveu, e ao longo de toda a sua vida pesquisou ele, obstinadamente, as leis diretrizes que lhe poderiam orientar o pensamento através desse caos (CLG, [1916] 2006, p. 1).

É a partir dessas inquietações e do fazer desse estudioso e professor que se pode pensar uma mudança muito grande nos estudos linguísticos. Saussure dá um passo inicial importantíssimo ao delimitar o objeto da sua linguística, a matéria e a tarefa do linguista. Em um contexto de hegemonia dos estudos diacrônicos, de uma busca pela origem comum das

³ Formulação utilizada pelo linguista Émile Benveniste para se referir a Ferdinand de Saussure no texto intitulado “Saussure após meio século”.

⁴ A edição consultada é a da Editora Cultrix, publicada em 2006. O *Curso de linguística geral* será referido a partir de então pela sigla CLG e, no caso de citações diretas, o formato será da sigla seguida da página.

línguas (Trabant, 2020, p. 72-73), Saussure (2006, p. 112-113) propõe que há diferenças entre uma linguística diacrônica e uma linguística sincrônica, o que não significa a negação dos estudos diacrônicos, ou seja, um não exclui o outro. Para Saussure (2006, p. 13-14), há, na verdade, uma necessidade de repensar o que o linguista faz.

Em “O objeto da linguística”, ele já explica que outras ciências lidam com objetos dados no mundo e que podem ser considerados a partir de diferentes pontos de vista. Mas esse não é o caso da linguística, já que “é o ponto de vista que cria o objeto” (CLG, p. 15). No contexto de Saussure, trata-se, portanto, do ponto de vista sincrônico, diferentemente de outros estudos que pensam a partir do ponto de vista diacrônico.

É definindo a língua como objeto da linguística que Saussure abre caminho para que diversos estudos sejam realizados sobre uma base sólida de conceitos. Aqui discutirei apenas de maneira breve alguns deles, sem a intenção de esgotar as discussões, começando por três que considero fundamentais para compreender o empreendimento saussuriano: linguagem, língua e fala [*langage*, *langue* e *parole*]. Esses três conceitos são definidos uns em relação aos outros, como é possível ver no trecho abaixo:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (CLG, p. 17).

A linguagem é definida, portanto, como multiforme e heteróclita, como uma faculdade. A língua é um produto social e um conjunto de convenções adotadas pelo corpo social; trata-se do sistema de signos linguísticos compartilhados pelos falantes e que adquirem valores que dele emanam. Já a fala é a apropriação individual da língua.

Para este artigo, trabalharei especificamente com dois textos: “Natureza do signo linguístico” e “O valor linguístico”, ambos os textos presentes no CLG.

No primeiro texto, Saussure já coloca uma questão em evidência que diz muito sobre sua concepção de língua: ela não é uma lista de termos, uma nomenclatura de coisas no mundo. Mas explica que pelo menos essa visão “simplista” possibilita perceber a constituição da unidade linguística pela união de dois termos. No entanto, não se está diante de uma visão referencialista de língua, já que “o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (CLG, p. 80); na verdade, trata-se de uma associação mental

no cérebro de duas partes que posteriormente chamará de *significado* e *significante*. Há, no capítulo, uma discussão sobre a terminologia, principalmente para que não se confunda imagem acústica com fonação, mas que aqui não será abordada em detalhes.

Na sequência, Saussure aborda os dois princípios do signo linguístico. O primeiro deles é o princípio da *arbitrariedade*, que dá conta de que o laço que une significado e significante é imotivado, não sendo algo que viria de fora do sistema linguístico para influenciar no seu interior. Seu principal argumento é a diferença entre as línguas, e aqui também já é possível perceber esse corte que temos em Saussure de uma visão que pode remeter aos estudos filosóficos, que buscavam entender a relação entre as palavras e as coisas no mundo. O segundo princípio é o do *caráter linear do significante*, sendo que aqui o princípio é discutido apenas sobre uma das partes do signo linguístico. Já é explicado de antemão que, por parecer algo tão simples, esse princípio pode ser negligenciado. Contudo, trata-se de um princípio importante e Saussure explica ainda que “todo o mecanismo da língua depende dele” (CLG, p. 84). Diferentemente dos significantes visuais, que podem ter manifestações em várias dimensões e simultaneamente, o significante acústico só dispõe da linha do tempo, e seus elementos só se apresentam um após o outro. São em descrições e análises como essas que se pode perceber o movimento de Saussure em descrever até mesmo aquilo que parece óbvio ou simples, criando bases para tantos outros estudos que vêm depois.

No segundo texto abordado neste artigo, “O valor linguístico”, Saussure discute que a língua é um sistema de valores puros. De início pode parecer difícil compreender o que seriam “valores puros”, mas ele desenvolve a discussão a partir das ideias e dos sons, em uma relação língua e pensamento. Para o linguista, nada existe antes do aparecimento da língua, e ela serve de intermediária entre o pensamento e o som. O pensamento é uma massa amorfa e é forçado a se decompor, e é a língua que torna possível uma união que conduza à delimitação recíproca das unidades.

Primeiramente, ele discorre sobre o valor linguístico em seu aspecto conceitual. Aqui Saussure questiona se ter valor seria representar uma ideia, o que ele rebate, explicando que se assim fosse, não haveria diferença entre a significação e o valor, e a língua novamente voltaria a ser apenas uma nomenclatura. O valor é uma parte da significação, mas não o todo. Enquanto a significação diz respeito à união de um significado e de um significante, ou seja, a algo interno ao signo, o valor se dá na relação entre os elementos uns com os outros, ou entre significados, ou entre significantes, ou ainda entre signos já enquanto unidades, pensando agora na relação entre os elementos dentro de um sistema.

A grande questão é a solidariedade entre os termos, ou seja, a ideia de relação parece ser central para compreender o valor linguístico. Os signos são regidos por um princípio paradoxal:

- (1) dessemelhança e troca, em que o valor resta ser determinado;
- (2) semelhança e comparação, em que o valor está em causa.

A troca diz respeito à significação, enquanto que a comparação tem relação com o valor. Saussure explica que “Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente” (CLG, p. 134). Ou seja, não se pensa aqui em uma língua em que as ideias existem aprioristicamente e que estão contidas dentro de um signo como sua essência, mas sim em valores que emanam do sistema.

Sobre o valor no aspecto material, a parte material também se constitui por relações e diferenças. São as diferenças fônicas que levam à significação, não o som em si: “o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras” (CLG, p. 137). Portanto, a parte material é necessária, mas não se resume a ela, já que não se trata de algo intrínseco ao som.

Na última parte, Saussure aborda o valor do signo em sua totalidade. E ele explica que “*na língua só existem diferenças*” (CLG, p. 139, grifos do autor). As diferenças entre significante e significado se dão entre termos negativos, já que há apenas diferenças, enquanto, no signo em sua totalidade, a combinação é um fato positivo. A crítica de Saussure é a de que haveria substância no fenômeno linguístico, já que o signo é forma, não substância. Trata-se, portanto, de partes que reclamam uma à outra, mas que não estão “preenchidas” de sentido.

Em suma, as diferenças não são o suficiente: é preciso *estar em relação, contrastando* (diferenças) e *gerando oposição*. Se no capítulo previamente debatido já se discute justamente que não há algo *a priori* no sistema linguístico, que não se trata de uma relação direta entre objeto no mundo e nome, novamente se vê o argumento de que não há algo *a priori*, só que dessa vez em relação ao sentido.

As discussões sobre a relação língua-mundo, língua-pensamento, todas elas podem nos conduzir também para uma reflexão sobre a tradução, tendo em vista que se está diante de um processo realizado por um tradutor, que antes de tudo é um falante, e que se encontra entre dois sistemas linguísticos com valores diferentes e que busca justamente “le mot juste”, para lembrar uma fala de Gustave Flaubert (Flores, 2021). O que torna a tradução fascinante e desafiadora é perceber a complexidade que temos diante de nós: não estamos lidando com uma lista de termos pronta, mas sim com sistemas dos quais diferentes valores emanam.

Mesmo que haja o conforto de um pacto social — essa ilusão de que todos nós nos entendemos e compartilhamos significantes e significados de maneira unívoca —, a primeira lição que acredito ser possível tirar das aulas do mestre genebrino é justamente a de que nada é tão simples quanto parece quando se trata da língua.

Por fim, gostaria de tentar explicar os motivos que me levaram a focar especificamente nos dois textos supracitados:

- a) Acredito que a língua seja um dos conceitos fundamentais do empreendimento saussuriano, uma vez que ela é o objeto de sua linguística (como ele explica em “Objeto da linguística”). E é sobretudo em “A natureza do signo linguístico” que Saussure faz uma grande reflexão sobre como a língua era abordada por uma visão nominalista da língua e apresenta sua proposta, que a vê por ela mesma, sem relação com o mundo;
- b) Ao definir a língua como sistema de signos linguísticos e ao explicar sobre as relações internas que se estabelecem no interior desse sistema, a noção de valor também se torna fundamental para compreender como se dão as relações de sentido na língua;
- c) Pensando sobre a tradução neste recorte, se é com a língua que o tradutor trabalha e se é com a questão do sentido que ele se depara, acredito que esses conceitos são um ponto de partida crucial para pensar o fazer tradutório e para, em seguida, refletir sobre a equivalência tradutória, que é efetivamente o objeto do presente estudo;
- d) Por fim, a motivação pessoal para essa reflexão é a seguinte: ao longo da minha formação tradutória, nem sempre me deparei com reflexões sobre os conceitos mobilizados para a realização da técnica de tradução. Por esse motivo, optei por trilhar um caminho rumo aos estudos da linguagem, aliando-o à prática de tradução, uma vez que são caminhos possíveis dentro do bacharelado em Letras. Acredito na importância de se questionar sobre os termos, assim como Saussure fez na linguística de sua época.

3. Saussure e a Tradução: um ponto de vista possível?

Pensar a tradução é, para mim, então, pensar a linguagem, porque não considero que algo possa ser dito sobre a tradução desvinculado da reflexão sobre a linguagem.

(Valdir do Nascimento Flores em *Saussure e a tradução*)

Saussure e a tradução, publicado pela editora da UnB, é uma obra do professor e pesquisador Valdir do Nascimento Flores em que ele formula questões sobre a tradução a partir de diferentes noções saussurianas. Segundo Flores, há três motivos para isso:

(a) a necessidade de reler Saussure, levando em consideração que há novos materiais sendo publicados;

(b) a possibilidade de pensar a tradução pela visão de conjunto da língua, em articulação com a diversidade das línguas, o que torna essa teoria pertinente para estudar o fenômeno tradutório;

(c) a prática tradutória de Saussure, “tendo em vista que recentes documentos atestam que Saussure era um tradutor e, ainda mais, que essa atividade se coaduna com o seu pensamento acerca da linguagem, da língua e das línguas” (Flores, 2021, p. 11).

Flores defende também ao longo da obra que, a partir de sua experiência como professor de futuros tradutores, é possível perceber a estreita relação entre a prática tradutória e a concepção de língua que o tradutor tem. Para ele, pensar sobre a língua e seu funcionamento, ter uma reflexão sobre isso, tem influência no fazer tradutório: “Ou seja, o que o tradutor entende ser uma língua é que o autoriza a tomar esta ou aquela decisão, quando do exercício de sua profissão” (Flores, 2021, p. 14).

Portanto, trata-se aqui de mais uma possibilidade de reflexão sobre a tradução: é tempo de pensar também sobre a reflexão linguística que o tradutor faz enquanto traduz. Há diversas perspectivas a partir das quais se pode pensar sobre a tradução: a das operações do fazer tradutório (Oustinoff, 2011), a das noções de fidelidade/lealdade, a das competências necessárias ao tradutor (Hurtado Albir, 2020), só para retomar alguns exemplos supracitados. Há também uma outra perspectiva, que é pensar o traduzir a partir dessa que é a base do fazer do tradutor: a língua. De modo geral, os exemplos aqui citados versam, sobretudo, sobre a tradução e aspectos fundamentais do fazer tradutório — formação de tradutores, operações realizadas pelo tradutor, problemas de tradução, apenas para citar alguns pontos.

Flores explica que a teoria saussuriana aborda a língua pelo sentido, que se trata de uma teoria da significação, a teoria do valor linguístico. Nessa teoria, a questão não é ver a língua em uma relação com o mundo, a língua entendida enquanto nomenclatura dos objetos no mundo, mas de valores que emanam do sistema. Isso implica entender que cada língua é um sistema de valores distinto. Ora, essa nova forma de ver a língua pode ter implicações para uma reflexão sobre a tradução: traduziríamos, portanto, valores de um sistema para valores de um outro sistema, valores esses que não estão no signo, mas que são adquiridos na relação com os signos daquela língua e no arranjo que é feito entre eles.

O ponto de vista assumido por Flores é o da antropologia da enunciação, que, em linhas gerais, versa sobre o falante como etnógrafo da própria língua, o que possibilita saber sobre a condição de falante por ele próprio⁵. A tradução então é encarada da seguinte forma: “O que é a tradução, nesse caso, senão a comparação de discursos que colocam em jogo valores?” (Flores, 2021, p. 30). E mais adiante continua: “Para a tradução seria de grande importância, admitir que, a cada vez que se traduz, é um *sistema de valores constituído no discurso do sujeito falante* que pede para ser traduzido. E isso apenas pode ser contemplado em uma teoria de conjunto da língua” (Flores, 2021, p. 91, grifos do autor). Assim, pensa-se na tradução enquanto um fenômeno linguístico, em que um falante se vê diante de línguas diferentes, colocando-as em relação a partir de sua língua materna para só então traduzir.

O que justifica essa proposta de Flores é entender essa teoria de conjunto como um método que olha a língua por um ponto de vista da sua dimensão linguística ao mesmo tempo em que considera a dimensão *loquens*, ou seja, levando em consideração o homem falante, e em sua dimensão antropológica, “não desconhecendo que *a língua está no homem*” (Flores, 2021, p. 117, grifos do autor).

Para desdobrar os pontos que norteiam essa reflexão sobre tradução a partir dos conceitos de Saussure, Flores formula princípios, que serão descritos de maneira resumida abaixo.

3.1 Primeiro princípio: a língua não é uma nomenclatura

Quando Saussure diz que a língua não é uma lista de termos, há um afastamento de uma visão nominalista da língua. Ao pensar sobre a língua e a natureza do signo linguístico, o linguista afirma que a língua não é uma lista de termos que corresponderia a outras coisas. Ou

⁵ Essa discussão é realizada de maneira mais aprofundada em *Problemas gerais de linguística* (Flores, 2019), publicado pela Editora Vozes. Um dos fenômenos abordados é justamente o tradutório.

seja, não se trata de pensar que a língua nomeia objetos no mundo. Há uma ruptura aqui, uma ruptura importante que permite pensar também a tradução e ver que a diversidade das línguas é mais complexa, porque não se estaria então diante de uma troca de termos de uma língua para termos de outra língua, em uma simetria tão perfeita que levaria a pensar que a equivalência é uma questão de simetria da forma e do sentido. Portanto, não se trata de rótulos linguísticos que seriam cambiáveis entre si de maneira unívoca e inequívoca.

E é aqui que Flores traz a discussão sobre uma outra noção essencial da teoria saussuriana, que se trata da arbitrariedade do signo linguístico. Sobre isso, ele explica:

Do ponto de vista da teoria saussuriana, esse princípio, de um lado, cumpre o papel de evitar olhar a língua em relação a uma ‘realidade’ que lhe seja exterior, constituída antes da própria língua; de outro, é a base para a formulação de outro princípio: o da arbitrariedade (inicialmente, do signo linguístico, e, em seguida, do próprio sistema linguístico) (Flores, 2021, p. 120).

Dessa forma, trata-se de pensar a língua em suas relações internas, não em uma relação com o exterior, essa “realidade” que a influenciaria. O signo linguístico, para Saussure, é uma coisa dupla: significado (ou conceito) e significante (ou imagem acústica). A arbitrariedade do signo diz respeito a uma ausência de motivação entre o que une significado e significante, as partes do signo linguístico, assim não haveria uma motivação externa à língua.

Segundo Saussure, há o arbitrário absoluto (o dos signos) e o arbitrário relativo (da língua). O relativo evita, portanto, um sistema constituído apenas do absoluto, trazendo ordem e regularidade. Ele exemplifica os signos absolutamente arbitrários a partir do número *vinete*, que é imotivado. Já o *dezenove*, por exemplo, é relativamente arbitrário, uma vez que “evoca os termos dos quais se compõe e outros que lhe estão associados, por exemplo, *dez*, *nove*, *vinete e nove*, *dezoito*, *setenta*, etc.” (CLG, p. 152). Em *dezenove*, estão presentes os termos que o compõem (*dez* e *nove*), além de evocar outros termos que podem ser associados a ele porque são compostos da mesma forma (*vinete e nove*, *vinete e nove*; *dezoito*, *dez* e *oito*; etc.). Essa reflexão deixa ver a solidariedade entre os elementos do sistema linguístico.

Flores mostra, portanto, que as relações associativas e sintagmáticas e o valor linguístico são essenciais para a reflexão de Saussure sobre a língua.

Pensando o arbitrário da língua em relação à diversidade linguística, Flores explica:

As diferenças entre as línguas e a existência de línguas diferentes evidenciam a ausência de motivação do elo que une significado e significante. Cada língua propõe o cognoscível de uma maneira distinta, e isso se deve à arbitrariedade, como um traço comum a todas as línguas (Flores, 2021, p. 121, grifos do autor).

Essa reflexão de Flores é interessante para se pensar mais adiante sobre o que Jakobson⁶ postula sobre as diferenças entre as línguas, de que essas diferenças não impossibilitam o dizer, mas sim como dizer em outra língua. Mas a questão aqui ainda é que cada sistema encerra particularidades, que não deixam de ser justamente as diferenças com as quais o tradutor lida no seu ofício.

3.2 Segundo princípio: a língua é um sistema

A definição de língua como sistema de signos já é conhecida por quem teve contato com o pensamento de Saussure no CLG. Flores, no entanto, propõe que se olhe com cuidado para essa definição para que não se tenha uma visão rasa.

A língua é pensada por Saussure a partir de suas relações internas, como os elementos se determinam reciprocamente, mas a grande questão para Flores é que isso traz um aspecto fundamental: “A conclusão para mim é evidente: a língua é um sistema em que cada elemento está em relação com o conjunto ao qual pertence; no entanto, cada língua é um sistema específico e se constitui de relações que lhe são específicas” (Flores, 2021, p. 128).

A definição de língua como sistema de signos também é uma que é mostrada a partir da diversidade das línguas, o que novamente abre espaço para uma reflexão sobre a base de trabalho do tradutor: ele está entre sistemas linguísticos distintos, constituídos por relações específicas. Dessa forma, cada sistema linguístico é um todo composto por elementos que estão em relações singulares e que adquirem sentido nesse sistema.

3.3 Terceiro princípio: a língua é um sistema de valores

Quando Saussure diz que a língua é um sistema de valores puros, novamente o que está em questão é a língua como um sistema, cujos elementos estão em relação. Assim, o valor depende do que está no próprio sistema.

Dessa forma, não se trata de ideias dadas anteriormente, em uma relação dos signos com a “realidade externa”, mas de valores que emanam do sistema. E Saussure exemplifica justamente pensando sobre as correspondências entre as línguas, exemplo trazido por Flores também em seu texto:

⁶ Flores (2019) faz uma discussão sobre a equivalência tradutória a partir das ideias de equivalência na diferença proposta por Jakobson em “Aspectos linguísticos da tradução” (1974), trazendo uma possibilidade de pensar essa questão em relação aos estudos de Émile Benveniste.

Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para a outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim. O francês diz indiferentemente *louer* (*une maison*), para significar dar ou tomar em aluguel, enquanto o alemão emprega dois termos *mieten* e *vermieten*; não há, pois, correspondência exata de valores. Os verbos *schätzen* e *urteilen* apresentam um conjunto de significações que correspondem, *grosso modo*, às palavras francesas *estimer* e *juger* ('avaliar' e 'julgar'); portanto, sob vários aspectos, essa correspondência falha (CLG, p. 135, grifos do autor apud Flores, 2021, p. 129).

Segundo Flores, esse princípio da língua como um sistema de valores mostra um ponto importante para o campo da tradução: “as línguas funcionam com relação a uma ordem própria, o que exige atenção às relações possíveis (e impossíveis) constitutivas de cada uma delas” (Flores, 2021, p. 132).

Realmente, o que Saussure postula aqui tem grande importância no que diz respeito à tradução. Ao falar de *correspondências*, pode-se pensar na própria equivalência, e a partir daí já se coloca uma questão fundamental: traduz-se palavras ou valores?

A tradução literal, palavra por palavra, é uma possibilidade, principalmente quando se quer pensar, por exemplo, uma estrutura de uma língua diferente. Na obra *Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*, organizada por Luiz Carlos Schwindt, é possível observar um exercício (Figura 1) em que a tradução palavra por palavra é feita para propor uma reflexão sobre a sintaxe de uma língua:

Figura 1 – Exercício de análise sintática do *Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*

- 6) Forneça as **árvores sintáticas** das frases a seguir, do coreano; depois, descreva as **regras sintagmáticas** do coreano (ignore os marcadores de caso Nominativo e Acusativo):
- a) *Terry-ka ku yeca-lul coahanta*
 Terry-Nom aquela garota-Acus ama
 'Terry ama aquela garota'
- b) *I noin-i hakkyo ey kassta*
 Este homem-Nom escola para foi
 'Este homem foi para a escola'
- c) *Sue-ka chinkwu eykey chayk-ul ilkessta*
 Sue-Nom amigo para livro-Acus leu
 'Sue leu o livro para um amigo'

Fonte: Schwindt (2014, p. 211)

Cada questão é formada pela sentença em coreano, já feita a transliteração para o alfabeto romano, seguida pela tradução palavra por palavra, marcada pelos casos nominativo e acusativo (-Nom ou -Acus) e, por fim, uma tradução final que não está colada à sintaxe do coreano, mas sim ao sentido da frase. Na questão (c), tem-se “Sue amigo para livro leu”, pois a sintaxe do coreano segue a ordem sujeito, objeto, verbo (SOV), diferentemente do português brasileiro, cuja ordem canônica é sujeito, verbo, objeto (SVO). Dessa forma, a tradução literal é necessária para fins de análise da sintaxe de uma língua.

Mas esse nem sempre é o caso. Quando se trata de uma tradução de uma notícia, por exemplo, a sintaxe da língua do texto a ser traduzido não precisará ser colocada em evidência, como foi o caso do exercício anteriormente mencionado. Por isso, a maior preocupação será com o sentido possível naquele texto.

3.4 Quarto princípio: a língua só é criada em vista do discurso

O último princípio versa sobre a língua ser criada em vista do discurso. Flores mostra que não se trata de uma visão de língua e fala separadas, mas de um ato realizado pelo sujeito falante, que coloca em ação o sistema linguístico. E continua: “O modo de existência da língua é o discurso, é o falante”. Essa discussão é realizada no *Escritos de Linguística Geral*, mas especificamente em “Nota sobre o discurso”.

Ao pensar sobre essa relação indissociável entre língua e fala e ao estendê-la para pensar sobre a tradução, Flores propõe que o tradutor trabalha com discursos: “O tradutor projeta um discurso de partida sobre uma outra língua também ela feita de discurso. Dessa projeção decorre uma conclusão importante: o tradutor, na sua condição de falante, reconhece no discurso, a presença de um outro que é também falante” (Flores, 2021, p. 132).

Essa discussão coloca em cena não somente a língua enquanto sistema, cujos elementos estão em relação e adquirem valor nesse sistema e nas relações sintagmáticas e associativas, mas também a dimensão do falante. Traduzir não deixa de ser um ato de comparar línguas, não por mera comparação, mas para efetivamente traduzir um discurso em outro, mas sem excluir o falante, este que realiza essa ação e que reflete sobre o processo.

Finalmente, a partir do que foi desenvolvido por Flores, há uma possibilidade de relacionar tradução e linguística saussuriana. Todas as noções desenvolvidas e os princípios propostos por Flores a partir de Saussure servirão como base para a próxima parte deste trabalho. Primeiramente, trarei um breve resumo de algumas concepções de equivalência nos

estudos da tradução para, depois, pensar o que seria a equivalência tradutória a partir das noções saussurianas de língua e valor linguístico.

4. Um ponto de vista possível: A equivalência tradutória em termos saussurianos

*Não há um só lingüista hoje que não lhe deva algo.
Não há uma só teoria geral que não mencione o
seu nome.*

(Émile Benveniste em *Saussure após meio século*)

Nos estudos da tradução, a equivalência é um conceito que suscita diversos debates e não há um consenso sobre sua definição. Inclusive Rieche (2015, p. 3) aponta que muitas vezes “o conceito é empregado sem uma definição exata, partindo do pressuposto de que todos entendem o que o termo quer dizer”. Ainda em seu artigo, ela menciona as definições utilizadas por Eugene Nida, André Lefevere e Christiane Nord, que definiram a equivalência ou que retomaram definições dadas por outros teóricos. Nida trabalha a noção de equivalência a partir do ponto de vista de um “efeito equivalente” das reações diante do texto, um efeito equivalente da reação do leitor do texto de chegada do leitor do texto de partida. Já Lefevere vê essa noção em sua relação com a cultura, questionando e redefinindo noções como “equivalência” e “fidelidade”. Para ele, a tradução é uma reescrita que sofre influência do contexto. Nord retoma a equivalência, pensando-a a partir dos estudos funcionalistas, explicando que a equivalência “emerge do contexto e da situação e é definida pela ação de vários fatores diferentes, não sendo estipulada *a priori* por uma fórmula ou algoritmo de conversão de unidades lingüísticas entre uma língua e outra” (Nord, 1997 apud Rieche, 2015, p. 9).

Saussure não tinha a tradução como objeto de reflexão, mas, ainda assim, ela estava presente em suas análises. De acordo com Flores, a tradução tem valor operacional e demonstrativo nos estudos saussurianos. Por abordar a diversidade das línguas, a tradução faz funcionar sua teorização, além de ser um “lugar de evidência comprobatória de sua teoria” (Flores, 2021, p. 41). Além disso, o objeto que Saussure estabeleceu em sua linguística é justamente a base com a qual o tradutor trabalha diretamente: a língua.

Saliento desde já que o presente trabalho desenvolverá uma reflexão a partir das formulações de Flores (2021). Para teorizar sobre a equivalência tradutória, mobilizo aqui alguns exemplos em diferentes línguas, sendo elas o coreano, o francês e o português brasileiro.

Proponho, então, refletir sobre a equivalência não a partir da tradução enquanto um produto a ser realizado, observando-a como um texto pronto, estático, mas sim da tradução

como um processo⁷ que envolve um sistema linguístico, sistema este que é mobilizado e colocado em ato por um sujeito falante. Ou seja, o que está em questão são esses momentos em que a equivalência é estabelecida por um falante-tradutor, ao longo do processo tradutório, ao fazer escolhas a partir das relações possíveis no sistema linguístico para o qual está traduzindo.

O primeiro ponto que é preciso enfatizar é que acredito, assim como Flores, que a concepção de língua, línguas e linguagem que o tradutor tem (ou não) pode sim influenciar sua percepção sobre o seu fazer enquanto tradutor e suas escolhas. Por exemplo, ver a língua como algo que nomeia o mundo de maneira direta, ou seja, em relação entre coisas e palavras, a equivalência pode, nesse caso, ser encarada como um problema a ser resolvido, uma busca a ser feita em manuais de palavras e ideias que preexistem e que serão solucionadas com o auxílio de um dicionário bilíngue, por exemplo. Essa concepção de língua pode ser talvez aquela que Saussure traz para opor à sua noção de língua: “Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” (CLG, p. 79).

Mas, neste trabalho, a ideia é justamente pensar sobre a noção saussuriana de *língua* quando se trata da diversidade das línguas, buscando repensar a noção de *equivalência tradutória*. Assim como Saussure pensa sobre o que o linguista faz, quero pensar sobre o que o tradutor faz.

Já foi mencionado que, para Saussure, a língua não é uma lista de termos ou ainda uma nomenclatura, mas sim um sistema de signos linguísticos. Sobre a teoria do valor linguístico, é ela que possibilita pensar a equivalência não como algo dado *a priori*, mas sim como algo a ser, de certa forma, construído pelo tradutor a partir das possibilidades do sistema linguístico em questão. O linguista genebrino explica que “Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim” (CLG, p. 135).

Essa reflexão será desenvolvida tomando como ponto de partida alguns exemplos de tradução do coreano para o português brasileiro, que foram compilados de legendas de filmes e séries, além de materiais didáticos.

⁷ Esta reflexão sobre o aspecto processual da tradução já foi iniciada em outro trabalho, mas em uma pesquisa que englobava também a revisão de tradução (Ramos, 2022). Artigo disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/944>. Acesso em 10 mai. 2023.

No coreano, a forma de se dirigir aos outros é determinada pela faixa etária, pelo gênero e pelo status social e hierárquico⁸. Colocarei aqui a palavra no alfabeto coreano 한글 [Hangeul] e a romanização comumente utilizada para facilitar a leitura. Os honoríficos, como são chamados, são eles:

- 오빠 [oppa]: usado por uma mulher mais nova ou em posição inferior numa relação social hierárquica para se dirigir a um homem mais velho ou em posição superior na hierarquia;
- 형 [hyung]: usado por um homem mais novo ou em posição inferior numa relação social hierárquica para se dirigir a um homem mais velho ou em posição superior na hierarquia;
- 언니 [unnie]: usado por uma mulher mais nova ou em posição inferior numa relação social hierárquica para se dirigir a uma mulher mais velha ou em posição superior na hierarquia;
- 누나 [noona]: usado por um homem mais novo ou em posição inferior numa relação social hierárquica para se dirigir a uma mulher mais velha ou em posição superior na hierarquia;

Essas formas são usadas em todos os contextos sociais: familiar, profissional, acadêmico e até mesmo entre amigos.

Com o crescimento da divulgação da cultura coreana em diversos países, a tradução de séries, filmes e livros produzidos na Coreia do Sul coloca várias questões para o tradutor. Uma delas é justamente como traduzir esses honoríficos. Traduzi-los significa buscar um equivalente, um “como dizer o mesmo” na outra língua. A questão não é traduzir rótulos linguísticos de coisas no mundo, porque, assim como Saussure já abordou, a língua não constitui uma lista de termos.

Flores (2021) formulou algumas proposições sobre a tradução e Saussure:

- (a) Não há realidade a ser traduzida que não seja uma realidade linguística;
- (b) Não há convencionalidade a ser traduzida que não seja um valor arbitrário;

⁸ Na língua coreana há outras questões linguísticas que variam no que diz respeito à formalidade, por exemplo, as terminações dos verbos. O verbo “comer”, 먹다[meokda], quando conjugado no passado, torna-se 먹었어요 [possivelmente romanizado como meogeosseoyo] no nível polido, mas no informal pode ser dito apenas como 먹었어 [meogeosseo]. Neste artigo, contudo, abordarei apenas os vocativos.

- (c) Não há valor a ser traduzido que não seja específico (não universal);
- (d) Não há equivalência de tradução que não seja a estabelecida pelo falante (tradutor);
- (e) Não há unidades de tradução que não seja a do conjunto de valores.

Disso é possível pensar que não se trata de traduzir palavras enquanto termos preenchidos de um significado em sua essência, mas sim de traduzir signos que adquirem valor no próprio sistema linguístico. Assim, o valor advém tanto das relações em ausência, ou seja, das relações associativas, como das relações em presença, que são as do eixo sintagmático. De novo, não é uma relação palavra-mundo, mas sim relações internas ao sistema linguístico e que são específicas de cada língua.

A partir desse ponto de vista, na equivalência tradutória, não haveria um equivalente simétrico e único para cada uma das formas honoríficas do coreano caso se leve em consideração que, no português brasileiro, até existem formas polidas para se dirigir a pessoas mais velhas ou pessoas que estão em uma posição social hierarquicamente superior, mas isso não é uma regra tão enraizada culturalmente como é no coreano. Em língua portuguesa, utilizamos, por exemplo, os vocábulos “senhor”, “senhora” ou “senhorita”. Pode-se pensar até mesmo no uso dos pronomes pessoais “você” e “tu”, que podem ser utilizados na diferenciação entre formalidade e informalidade em algumas regiões do Brasil.

De forma mais rigorosa, no francês, o registro mais polido (de *politesse*), formal, ou o informal se faz linguisticamente a partir do uso dos pronomes pessoais: o *tu* [tu] seria a marca de maior informalidade e o *vous* [vós, você, vocês], de formalidade. Também há outras questões relacionadas à formação de perguntas, com inversão ou não do pronome pessoal e do verbo, que seriam de um registro familiar ou, ao contrário, de formalidade. Assim, não apenas no nível da palavra, mas também no arranjo sintagmático se forma esse valor de polidez.

Tabela 1 – Traduções possíveis para a frase “Comment vas-tu”

Possíveis traduções	Reflexão sobre a formalidade da língua francesa na tradução para o português brasileiro
“Como você está?”	Essa é uma possibilidade para tentar manter a formalidade estabelecida pela inversão do pronome e do verbo em francês. No português brasileiro, a inversão para “como está você?” não ocasiona uma mudança de registro, como é o caso do francês. Poderíamos inclusive traduzir para “você está

	como?”, mesmo que possa parecer menos usual para alguns falantes.
“Como tu estás?”	Aqui temos uma possibilidade com o uso do pronome “tu”, mas com a conjugação do verbo, conforme a norma gramatical. É possível que aqui ainda se mantenha uma certa formalidade.
“Como tu tá?”	Nesse caso, há um registro informal, pois há uma abreviação do verbo “estar” conjugado, de “está” para “tá”, algo recorrente na oralidade, por exemplo.

Fonte: elaborado pela autora.

Antes de iniciar a discussão, é importante ressaltar que as sugestões de tradução que constam na tabela acima são apenas possibilidades apresentadas em uma reflexão que não se dá em uma situação real de tradução. Se fosse o caso de uma tradução profissional, haveriam outras questões, tais como público-alvo da tradução e contexto de publicação, e outras possibilidades poderiam ser mobilizadas, tendo em vista o projeto de tradução e a demanda do cliente. Por exemplo, em uma tradução de literatura infanto-juvenil, abreviações poderiam ser aceitas para uma escrita mais próxima do público-leitor, então “como tu tá?”, ou ainda “como vc tá?”, ambas seriam escolhas plausíveis.

Voltando à tabela, quando se traduz “comment vas-tu?”, não se trata de uma mera substituição de palavras isoladas, mas sim de signos em relação e que têm seus valores advindos das relações que se estabelecem na língua posta em uso. No francês, ainda que se tenha uma frase com inversão, que seria mais formal, há ainda o uso do *tu*. No português brasileiro, ainda há uma outra questão a considerar: a variação regional no uso dos pronomes pessoais “tu” e “você”. Em algumas regiões do Brasil, o “você” é mais usado do que o “tu”, e vice-versa. Assim, as relações que tradutores de diferentes regiões vão estabelecer terá relação com o uso feito em sua comunidade de fala.

Pode-se perceber algumas nuances no que se refere ao registro, mas que, na tradução para o português, não são reproduzidas pela inversão, já que esta não é uma possibilidade do português brasileiro. As traduções sugeridas acima são tentativas de manter um valor que é possível na língua francesa por meio do uso da inversão, mas que deve ser buscado no jogo de valores possíveis na língua portuguesa. Portanto, há uma busca para traduzir com os meios disponíveis na língua.

No português brasileiro, *senhor* e *senhora* são possibilidades de marcar linguisticamente uma formalidade, principalmente nos casos em que a pessoa a quem o falante se dirige é mais velha. Aqui se pode perceber mais uma diferença entre o português brasileiro e o coreano: o coreano dispõe de formas para *senhor* e *senhoras* não fica restrito a elas, já que conta também com as que já foram mencionadas anteriormente (오빠 [oppa] e 형 [hyung], 언니 [unnie] e 누나 [noona]).

Retomando a reflexão sobre a língua coreana, no sistema linguístico do coreano, essas formas — 오빠 [oppa] e 형 [hyung], 언니 [unnie] e 누나 [noona] — têm valores de acordo com as relações dos signos dentro do sistema linguístico do coreano. Essas relações não se dão da mesma forma no português brasileiro, por exemplo. Não é como se no português existisse uma palavra que é exatamente igual formal e semanticamente. Por esse motivo, não se pode estabelecer equivalentes imediatos e unívocos a partir de uma tradução termo a termo, como algo mecânico.

A título de exemplo, apresentarei algumas possibilidades de tradução de 오빠 [oppa] para o português brasileiro, que, como dito anteriormente, é uma forma usada mulheres mais novas ou em posição inferior numa relação social hierárquica para se dirigirem a homens mais velhos ou que se encontram em posição superior na hierarquia:

Tabela 2 – Traduções possíveis do coreano para o português brasileiro de 오빠 [oppa]

Possíveis traduções	Contexto
“Irmão” ou “mano”	Tradução canônica, de contexto familiar
Nome próprio	Quando está se dirigindo ao namorado, a um amigo, ou a um conhecido
“Amor”, “querido”	Quando está se dirigindo especificamente ao namorado
∅	Quando se trata de um vocativo

Fonte: elaborado pela autora.

Saliento novamente que as traduções sugeridas não são as únicas traduções possíveis e que elas são passíveis de mais discussões. A partir dessas sugestões, vê-se que a escolha de tradução se dá por uma reflexão linguística que coloca em relação duas línguas diferentes, já que o tradutor vai traduzir de uma língua outra para a sua língua materna, tentando dizer o mesmo na sua língua. Dessa forma, ele levará em consideração os valores emanados de um

sistema e tentará traduzir essas relações a partir das possibilidades oferecidas pelo outro sistema, que seria sua língua materna no caso da tradução. O mesmo se aplica aos outros honoríficos que, por questão de espaço, não serão abordados individualmente neste artigo.

A partir dessa breve discussão, é possível pensar que o fato de haver diferentes formas de traduzir é porque há diferentes relações entre os signos linguísticos em cada sistema e que, sobretudo, o sentido não está no signo, mas emana das relações dentro do sistema linguístico do qual faz parte. Não haveria, portanto, uma forma universal de nomear uma realidade objetiva de forma simétrica e unívoca em todas as línguas, o que possibilitaria uma troca direta entre termos de línguas diferentes. De acordo com Flores (2021, p. 130), “tudo na língua depende do valor”. Portanto, seria possível pensar que o que é traduzido diz respeito a valores que são específicos de cada língua para valores possíveis e específicos da outra língua.

A equivalência realmente é um desafio que se impõe ao tradutor cada vez que ele está diante do material a ser traduzido, mas é interessante pensar a língua a partir das noções saussurianas, porque isso possibilita uma reflexão linguística do fazer do tradutor.

Oustinoff (2011, p. 7) define a tradução como “uma operação fundamental da linguagem”, que pode inclusive ocorrer dentro de uma mesma língua. Ele parte da noção de tradução intralingual de Jakobson, mostrando que a tradução faz parte da linguagem. Traduzimos até mesmo quando reformulamos algo na nossa língua materna. Diante da diversidade das línguas, a tradução se impõe mais uma vez. E como aponta Flores (2019), a busca pela equivalência é realizada na língua por um falante que está entre línguas, entre sistemas linguísticos diferentes.

É possível pensar sobre a equivalência tradutória de diferentes formas. Neste artigo, optei por pensar a equivalência como uma busca realizada por um falante-tradutor, que realiza uma reflexão sobre a língua e seu funcionamento e que lida com as possibilidades que cada sistema linguístico dispõe. Traduzir é também se deparar com as diferenças linguísticas, tentando, de alguma forma, buscar dizer o mesmo a partir de um outro sistema linguístico. E essa busca não deveria ser encarada como uma impossibilidade.

No caso abordado neste artigo, 오빠 [oppa] não tem um equivalente direto em português brasileiro, uma vez que não usamos vocativos semelhantes no dia a dia, separando por idade e/ou status social e econômico. Contudo, isso não impede a tradução. A partir do valor que este signo adquire no sistema da língua coreana, buscamos re-produzir um valor semelhante, só que em outra língua, nesse caso, a partir do que está disponível no sistema do português brasileiro.

Isso pode remeter ao que Jakobson postulou: a equivalência na diferença⁹ não é a impossibilidade da tradução.

5. Considerações finais

Neste artigo, busquei refletir sobre a tradução, sobretudo sobre a equivalência tradutória, a partir de algumas noções da linguística saussuriana, tais como língua e valor linguístico, partindo da proposta do professor e pesquisador Valdir do Nascimento Flores. Mesmo que a tradução não fosse um objeto de reflexão para Saussure, ao refletir sobre o sistema linguístico, ele traz grandes contribuições para todos os estudos que têm a língua como base e objeto de reflexão, o que inclui a tradução.

Partindo das reflexões propostas por Flores (2021), meu objetivo era desenvolver uma reflexão sobre a tradução e a equivalência tradutória a partir de alguns exemplos que colocaram em contato o coreano, o francês e o português, considerando-os como sistemas linguísticos diferentes.

A equivalência tradutória ainda é encarada como um problema de tradução, muitas vezes até como se fosse um impeditivo da efetivação do traduzir, tornando-se uma grande preocupação do tradutor. Contudo, Saussure abriu portas para que o fazer do tradutor também possa ser pensado enquanto uma reflexão linguística, como propõe Flores (2021). É interessante também o protagonismo que o tradutor passa a ter quando se pensa a tradução como um ato realizado por alguém, um alguém que reflete sobre a língua do outro a partir da sua própria língua.

A partir da análise de alguns vocativos da língua coreana, realizei uma reflexão bastante inicial sobre os diferentes valores que os signos recebem nas relações estabelecidas em diferentes sistemas linguísticos e os impactos disso para se pensar a equivalência tradutória por meio dos estudos linguísticos de Saussure e de Flores.

Acredito que encarar a tradução como uma operação da linguagem e ver a equivalência como algo estabelecido pelo tradutor a partir da língua, não como algo dado *a priori*, possibilita pensar sobre as possibilidades que são organizadas no interior de uma língua e que são realizadas por esse falante-tradutor. Além disso, sigo acreditando que a concepção de língua que o tradutor tem também pode influenciar na forma como a tradução e as questões a ela relacionadas são tratadas na teoria, já que, como visto anteriormente, considerar a língua como

⁹ Formulação proposta por Jakobson e que é objeto de reflexão no texto “Aspectos linguísticos da tradução” (1974).

sistema de signos linguístico e pensá-la a partir das relações entre os seus elementos pode, por exemplo, levar o tradutor a estabelecer os equivalentes olhando para as possibilidades de cada um dos sistemas linguísticos com os quais está trabalhando.

Por fim, reitero que este trabalho é uma reflexão bastante inicial sobre inquietações que atravessaram meu percurso enquanto tradutora em formação, sobretudo o de me questionar teoricamente sobre as noções com as quais me deparava em artigos e, até mesmo, em discussões em sala de aula, sendo uma delas a equivalência. Portanto, mais do que trazer respostas, busquei compartilhar dúvidas, reflexões e inquietações para abrir ainda mais diálogos.

O contato contínuo com a tradução ao longo da graduação me expôs ao aspecto prático, que foi fundamental para que eu pudesse fazer perguntas e reflexões enquanto tradutora. Além disso, sobretudo a partir de discussões de epistemologia e de semântica, pude colocar a minha prática tradutória em diálogo com teorias para além das teorias do campo dos estudos da tradução, teorias linguísticas essas que foram essenciais para que eu pudesse estar em contato com referenciais teóricos diversos.

Referências

AHN, Jean-myung Ahn; LEE, Kyung-ah Lee; HAN, Hoo-young Han. **Korean Grammar in Use**. Paju-si: Darakwon, 2010.

BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Glória Novak e Luiza Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, Émile. La langue, la traduction et l'intelligence. In : FENOGLIO, Irène (org.). **Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture**. Paris: Éditions du Seuil, 2016. p. 37-44.

BEVILACQUA, Cleci Regina. As propostas de Nord e Hurtado Albir: aproximações teóricas nos estudos de tradução. **D.E.L.T.A.**, 34.1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/3dTWMJbJMnbFd64jms5LKDJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 dez. 2023.

CHANUT, M.E. P. A noção de equivalência e a sua especificidade na tradução especializada. **TradTerm**, v. 19, p. 43-70, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/47345#:~:text=Uma%20apresenta%C3%A7%C3%A3o%20das%20teorias%20referentes,presentes%20nos%20documentos%20oficiais%20s%C3%A3o%2C>. Acesso em 10 mai. 2023.

FALEIROS, Álvaro. Entrevista com Michaël Oustinoff. **TradTerm**, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 168-177. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/159303/154100>. Acesso em 22 dez. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e a tradução**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.

HURTADO ALBIR, Amparo. Competência tradutória e formação por competências. Tradução de Lavínia Teixeira Gomes e Marta Pragana Dantas. In: **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 40, n. 1, jan./abr. 2020, p. 367-416.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 79-91.

NORD, Christiane. Lealdade em vez de fidelidade: proposta de uma tipologia funcional da tradução. Tradução de Cristiane Krause Kilian e revisão de Luciane Leipnitz e Renan Lazzarin. In: **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, Número Especial, 2016, p. 9-24.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: história, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

RAMOS, Juliana Marschal. O aparelho formal da enunciação de Benveniste: quantos "aqui-agora" comportam uma tradução e (auto)revisão de tradução? *Mandinga - Revista de Estudos Linguísticos*, v. 6, n. 1, 2022. Disponível em <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/944>. Acesso em 10 mai. 2023.

RIECHE, Adriana Ceschin. O conceito de equivalência e sua relação com a localização de *software*. *Tradução & Comunicação*. São Paulo, n. 15, jul. 2015. Disponível em: <https://seer.pgskroton.com/traducom/article/view/2168>. Acesso em: 5 mai. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. Organização por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Salum; Ana L. Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCHWINDT, Luiz Carlos (org.). **Manual de Linguística: fonologia, morfologia e sintaxe**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Coleção Linguística)

TRABANT, Jürgen. **A linguagem, objeto do conhecimento: breve trajeto pela história das ideias linguísticas**. Tradução e apresentação de Carlos Piovezani, Luzmara Curcino e Marcio Alexandre Cruz. São Paulo: Parábola, 2020.

Recebido em: 29/09/2023

Aprovado em: 01/02/2024